

# 1

## A IDEIA QUE FAZEMOS DE DEUS



*Deus é a inteligência suprema e causa primeira de  
todas as coisas.*

**KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão n.º 1**

ANTES DE QUALQUER análise sobre o tema, objeto deste livro – *Seja feita a sua vontade* –, reflitamos sobre a *ideia que fazemos de Deus*. É a partir daí que teremos melhores condições de interpretação, já que o nosso comportamento e atitudes são influenciados pela *imagem* que fazemos d’Ele. Entenda-se, todavia, que o uso do pronome “Ele”, aqui usado, é apenas no *sentido figurado*, pois, o conceito de Deus vai depender da forma como O vemos. Muitos filósofos e teólogos cristãos trabalharam arduamente para relacionar os atributos de Deus. Donde muitos chegaram à conclusão de que foi o homem que ‘inventou’ Deus. Voltaire afirmou que se Deus não existisse, nós

teríamos que inventá-Lo! Na verdade, afirma ele, o homem descobriu Deus<sup>1</sup>.

No seu livro *Mein Weltbild*, Einstein descreve três tipos de concepção de Deus:

1. **Deus-máquina**, entre os povos mais primitivos.
2. **Deus-pessoa**, entre os hebreus do Antigo Testamento, em geral entre os cristãos de todos os tempos e países.
3. **Deus-cósmico**, professado por uns poucos místicos avançados, cujos representantes ultrapassam igrejas e teologias e encontram-se, esporadicamente, entre todos os povos e em todas as religiões.

Einstein enumera, entre os da terceira classe, Demócrito, Francisco de Assis e Spinoza, isto é: um *pagão*, um *cristão* e um *hebreu*, dizendo que eles são irmãos da mesma fé. (Lao-Tsé. *Tao Te Ching*, p. 16).

Quando lhe perguntaram se *acreditava* em Deus, Einstein respondeu: –“Acredito no Deus de Spinoza, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pela sorte e pelas ações dos homens”. (Ver, Apêndice 1, no final do livro, o *Deus de Spinoza*).

Nesta linha de raciocínio, teólogos tanto quiseram definir Deus, que acabaram “antropomorfizando-O”,

---

1. Voltaire (1694-1778) foi um filósofo francês iluminista considerado “deísta”. Acredita que Deus se manifesta ao homem não pela revelação histórica como a tradição judaico-cristã, mas através da razão, de modo que negar a existência de Deus seria um absurdo, segundo ele. <http://pensamentoex-temporaneo.com.br/?p=954b>

ao lhe atribuírem as características humanas imperfeitas. Podemos garantir, no entanto, que a visão que se tem da divindade é *relativa* à evolução espiritual de cada um. Dependendo do estágio evolutivo e da cultura de cada povo, tem-se a forma como ‘Ele’ é *imaginado* e sua influência sobre a vida das criaturas. Assim, para a tradição bíblica, “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”<sup>2</sup>. No entanto, todo conceito e atributos que se fazem d’Ele são sempre humanos, pois, na verdade, ao longo dos milênios, o homem criou Deus à *sua imagem e semelhança*. Para o espiritismo<sup>3</sup> na interpretação de Kardec, os atributos de Deus são: **é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.**

Duas visões se contrapõem quanto à ideia que fazemos de Deus: a *teísta* e a *deísta*, cada uma, defendendo seus pontos de vista e, certamente, uma delas, ou mesmo, uma mistura das duas, faz parte de *sua* visão de Deus. Nós vamos, didaticamente, expô-las, e depois então, além de termos maior maturidade espiritual para nos *posicionarmos* sobre essas duas teorias, conquistaremos maior embasamento para o desenvolvimento do objeto de nosso trabalho, que é *Seja feita a sua vontade*.

## 1.1. TEÍSMO

As ideias *teístas* são a base do Deus *antropomórfico*, ou Deus *pessoa* das religiões, em geral. O **teísmo** é um

---

2. *Gênesis*, 1:26.

3. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, cap. III, item 13.

conceito filosófico-religioso desenvolvido para se compreender o Criador. Esta linha filosófica entende que Deus é a única entidade responsável pela criação do Universo, onipotente e onisciente. Esta expressão provém do grego *Théos*, com o significado de ‘deus’. O teísmo se contrapõe ao *ateísmo*, que não crê na existência de uma divindade suprema. Diz-se, neste caso, o cidadão é ateu.

Assim, se você imagina que Deus é uma pessoa que está em algum lugar exterior, geralmente chamado de ‘céu’, de onde monitora tudo, pode ser enquadrado nesta tese, ou seja, você é um *teísta*. Nesta, concebe-se que Deus além de estruturar o Universo, continua a influenciar e a supervisionar a obra, após a sua criação. Em muitos sistemas *teístas* de fé, a divindade está intimamente envolvida com as questões humanas. Este Deus pessoal intervém constantemente no mundo, monitorando tudo, atendendo às súplicas (preces) das criaturas, ora *permitindo*, ora *não permitindo*, ora *perdoando*, ora *punindo* os pecadores, derogando suas Leis, com a realização de ‘milagres’, julgando suas criaturas pelas suas ações ou mesmo pelos pensamentos. Nada é feito sem a autorização direta de Deus. Sua onisciência é total: *sabe de tudo, participa de tudo*. Retrata basicamente o perfil do Deus bíblico com sua onipotência e vontade arbitrária. É um verdadeiro *super-homem*, uma verdadeira inteligência sobrenatural.

Para muitos, “Deus é uma espécie de ditador celeste, uma pessoa que vigia os homens de longe e registra os seus ‘créditos’ e ‘débitos’, ‘premiando-os’ ou ‘castigan-

do-os’ depois da morte, mandando os bons para o céu eterno e os maus para o inferno eterno. Esse *infantilismo* primitivo domina as teologias cristãs de há mais de dois mil anos e, embora haja grandes variantes dessa concepção de Deus, no fundo é essa ideia *antropomorfa*”.<sup>4</sup>

## COMO PENSA UM TEÍSTA?

Veja algumas frases utilizadas pelo pensador *teísta* a respeito da atuação de Deus em nossas vidas. Você, certamente, já usou e/ou ainda usa tais expressões. Caracteriza um estado de total **dependência** a um utópico ‘Deus humano’.

- O que Deus quer, eu quero.
- Como viver sem Ele?
- O que eu faço, meu Deus?
- Entregar para Ele é a solução...
- Dê-me paciência, Senhor!
- Ele sabe o que faz!
- Espero em Ti...
- Confie em sua palavra...
- Tenha certeza de que a vontade de Deus é sempre a melhor.
- Entregue sua vida nas ‘mãos’ d’Ele
- Não tente se esconder de Deus.
- Os planos de Deus.
- Deus tem sempre o melhor para nós.
- Desistir? Não. Entregar-me para Deus? Sim.

---

4. Lao-Tsé. *Tao Te Ching*, pp.15-16.

- Deus sabe o que é melhor para mim!
- O Único que sempre permanecerá.
- Deus dá a sabedoria.
- Aguardar para ver o que Ele ‘reserva’ para mim.
- Deus está no comando.
- Só Jesus na causa! (Aqui, Jesus é Deus).

Já me reportei em outra obra, *Leis de Deus – eternas e imutáveis*, defendendo que o espiritismo é *deísta*, com base na história de sua criação, na metade do século XIX, por Allan Kardec, em pleno Iluminismo. Era a época das luzes. Adverte Kardec,<sup>5</sup> em relação às comunicações mediúnicas: “a de pesar e analisar, submetendo ao mais rigoroso controle da razão, tudo que receberdes”. Em proposta original, em *O Livro dos Espíritos*, o espiritismo se nos apresenta *deísta*, quando informa, logo na Questão n.º 1, que: *Deus é a inteligência suprema e a causa primária de todas as coisas*. Aqui, os espíritos não se referem a Deus como ‘pessoa’ ou um ser ‘antropomórfico’, como, até então, pregava a Igreja. Hoje, a grande maioria ainda pensa assim. Quando se refere a Deus, “olha-se para cima, como se ‘Ele’ estivesse de olho em você!”.

No entanto, na elaboração de *O Livro dos Espíritos*, bem como nas demais obras que compõem a doutrina espírita, em vários momentos, o codificador e os seus espíritos coadjuvantes, utilizam-se do mesmo linguajar *teísta*. Então, o espiritismo, que nasceu em sua proposta inicial, *deísta* – tudo deve ser fundamentado na razão – mesclou-se com conceitos *teístas* do Deus antropomórfi-

---

5. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*, cap. XX, “Influência moral do médium”.

co, aquele que interfere no livre-arbítrio de sua criatura. Alguns estudiosos ‘dizem’ que não havia outra forma de o codificador – e os espíritos auxiliares –, transmitir a mensagem à grande massa, pois, Deus era entendido, tão somente, como uma *pessoa*, situado em algum lugar no paraíso.

Sem qualquer contemporização, penso que é como ‘entendiam’ mesmo, pois, era muito forte a presença da Igreja. Isto já estava amalgamado na mente das criaturas, pela força dos dogmas. Ademais, muitos participantes da construção do espiritismo, foram os pais da Igreja! (Santo Agostinho, São Luiz, além de bispos e demais componentes do clero). Ora, o espiritismo é suficiente *por si mesmo* e cremos que, ao se atrelar ao cristianismo acatou essas ideias do ‘Deus interventor’, que castiga/perdoa, permite/não permite, solapando da criatura o direito de pensar por si mesma e ser agente de sua própria evolução, que é objetivo na encarnação. Nesta simbiose espiritismo/cristianismo, pode-se pensar também em espiritismo/islamismo, espiritismo/budismo. Ou não? E Kardec chega a dar-lhe certo sentido *antropomórfico* quando pergunta em *A Gênese*, item 37: Sob que *aparência* se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-Lo? Será uma forma qualquer? Sob uma *figura humana* ou como *resplendente de luz*?

Que você acha de tudo isso? Como livre-pensador, e espírito desarmado do ‘convencionado’ pela religião, convido você a analisar comigo estas reflexões... Kardec, há 150 anos, na *Revista Espírita*, de janeiro e fevereiro de 1867, afirma que os espíritas são livres-pensadores, em

contraposição à fé cega. Diz mais, “o livre pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, inteligente, em vez de uma máquina de crer”.

Vejamos, apenas a título de exemplo, algumas referências *teístas*, que confirmam nossa tese, na obra de Kardec:

“(…) Deus **castiga** a Humanidade por meios de flagelos destruidores para fazê-la progredir mais depressa” (L.E, Questão 737).

“(…) Deus **desculpa** o assassino em caso de legítima defesa?” (L.E. questão 748)

“(…) Por que Deus **concedeu** a um a riqueza e o poder e a outros a miséria?” (L.E. Questão 814)

“(…) cada um é **punido** por aquilo que **pecou** (…)” (L.E, Questão 309).

“(…) as doenças, as enfermidades, a própria morte, que são as consequências de abusos, ao mesmo tempo são **punição** à transgressão à Lei de Deus”. (LE, Livro III, cap. V, comentário à Questão 714).

“(…) É que o homem não aproveita; é preciso **castigá-lo** em seu orgulho e fazê-lo sentir sua fraqueza. (…”. (LE, Livro III, cap. VI, Questão 738).

“(…) Todos vós suportais, a cada instante, essa **pena, porque sois punidos pelo que pecastes**, nesta vida ou em outra”. (LE, Livro III, cap. VI, Questão 764).

“(…) Pobres seres que **Deus castigará**. Eles serão transportados pelas torrentes que querem deter”. (LE, Livro III, cap. VIII, Questão 781).

“(…) O homem é responsável pelo seu pensamento? – Ele é responsável diante de Deus. Só Deus, podendo conhecê-lo, **o condena** ou **o absolve** segundo a sua justiça”. (LE, Livro III, cap. X, Questão 834).

“(…) Em princípio, o futuro lhe é oculto e somente em casos raros e excepcionais **Deus permite** que seja revelado”. (LE; Questão 868).

“(…) Os espíritos sabem perfeitamente o que fazem, mas, para alguns é também uma **punição** imposta por Deus” (LE. Questão 224-b).

Você pode listar ainda, muitas outras questões *teístas*, não só em *O Livro dos Espíritos*, mas em todas as outras complementares que compõem as obras básicas da doutrina. Trata-se de uma linguagem ‘pesada’, com “Deus que é amor” (segundo João), em “pessoa” sob o comando, típica das ideias *teístas* da Igreja, merece ser analisada com melhor critério, pois não existem ‘castigo’, nem ‘punição’ de um Deus exterior. As Leis naturais, chamadas de ‘divinas’ ou ‘morais’, pelo espiritismo, não punem ou perdoam ninguém. Tudo funciona na medida do desenvolvimento da razão, individualmente. As Leis Naturais (ou de Deus) *estão gravadas na consciência*, conforme ensinam Kardec e os espíritos.<sup>6</sup>

Vários fatores, no entanto, influenciam para que o conceito de Deus esteja relacionado à maturidade espiritual, construída desde os tempos imemoriais. Além do aspecto individual, essa ideia de Deus é *relativa* ao grau intelectual dos povos e de seus legisladores, razão pela qual foi surgindo, gradativamente, o regramento de conduta ética e moral, que retrata, em cada época, o progresso espiritual da Humanidade.

---

6. Sugiro a leitura de meu livro *O código penal dos espíritos – a justiça do tribunal da consciência*, por esta editora.

## 1.2. DEÍSMO

É uma postura filosófica *não religiosa*, semelhante ao *deísmo* dos *philosophes* iluministas, na qual Kardec se inspirou na organização do espiritismo, que acredita na criação do Universo por uma inteligência superior (que pode ser chamada de Deus, ou não), através da razão, do livre-pensamento e da experiência pessoal, em vez dos elementos comuns das religiões *teístas* como a ‘revelação’ direta. Tem-se assim, a crença em um ser supremo que permanece incognoscível e intocável, visto como a “primeira causa”, um deus da natureza – **um criador não intervencionista** – que permite que o universo corra o seu próprio curso de acordo com as leis naturais. Como um “deus relojoeiro” iniciando o processo cósmico, o universo segue adiante sem necessitar da supervisão de Deus. O *deísmo* acredita que as leis precisas e invariáveis definem o universo como possuindo autofuncionamento e sendo autoexplicativo. Estas leis revelam-se através da “luz da razão e da natureza”. Confiança no poder da **razão** troca a **fé** pela lógica humana. Daí Kardec adotar a *fé raciocinada*, embasada na razão. E também, é importante frisar que embora chamado de *codificador* – mero instrumento dos espíritos – ele foi, na realidade, o fundador ou o organizador do espiritismo.

Mesmo que não seja unanimidade do movimento espírita, aliás, é motivo de muita discussão, entendemos também o espiritismo, **não como religião**, mas, como bem define o atento organizador da doutrina, Allan Kardec: “*Filosofia, calcada na ciência, com conseqüências*

*morais*”.<sup>7</sup> A tese *deísta* considera a **razão** como a única via capaz de nos assegurar a existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada.

O *deísmo* teve origem com os filósofos gregos da antiguidade, ganhando muita relevância dentro do contexto dos primórdios do Racionalismo, a partir do movimento iluminista, em meados do século XIX, com apoio de vários cientistas, filósofos, e pensadores como Galileu Galilei, Locke, Isaac Newton, Augusto Comte, Voltaire, entre outros. Voltaire foi um dos maiores contestadores da Bíblia dos últimos tempos, por entender que ela não é a ‘palavra de Deus’, mas sim, a dos ‘homens’. Embora esta postura filosófica admita a existência de um Deus criador, tenha Ele o nome que tiver, questiona profundamente a ideia da “revelação” divina e apega-se à concepção da inteligência humana como mediadora para a compreensão do Ser Superior, rejeitando a necessidade de religiões.

Assim, para o *deísta*, Deus se revela, **não pelas religiões**, mas pela **ciência e pelas leis da natureza**. Ao invés de um deus antropomórfico, é mais lógica a ideia de “um princípio vital”, “uma força criadora” ou a “energia motriz do universo”. No entendimento do filósofo francês, Voltaire era que, para se chegar a Deus, não se precisa ir à igreja, mas à **razão**. Esta é também a proposta dos *gnósticos cristãos*, que foram escorraçados, perseguidos e muitos mortos pela Igreja, conforme assinala na obra *O Evangelho de Tomé*. Ratificando, para fins didáticos, o entendimento de

---

7. KARDEC, Allan. *Revista Espírita*, Ano XI, dezembro de 1868, Vol. 2.

Kardec e de seus auxiliares espirituais, *Deus é uma inteligência suprema e a causa primeira de tudo*, porém, sem identificá-lo como ‘pessoa’. Isto no início, depois...

Por conta dessa combinação de entendimento, para alguns pensadores o espiritismo é *deísta*, no sentido de não ter rituais, acatar a fé, tão somente raciocinada – que, no dizer de Kardec, “Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.” – e a necessidade de tudo (não só a fé) passar pelo crivo da razão. No entanto, paralelamente, a esse princípio geral – tal como prescreve o Iluminismo – o espiritismo se utiliza das ideias *teístas*, quando o criador o identifica como a “*Terceira revelação divina*”.<sup>8</sup> No entanto, posteriormente, Kardec dá a seguinte afirmação: “Procedi com os espíritos como teria feito com os homens; considere-os, desde o menor até ao maior, como elementos de instrução, e **não** como **reveladores predestinados**”.<sup>9</sup> Curioso, não é?

Saliente-se que os *deístas* se recusam a acreditar em eventos sobrenaturais, milagres, profecias, ‘revelações’ e superstições, haja vista que não existe qualquer evidência científica da verdade destes relatos. Por outro lado, o *teísta* crê em Deus, na revelação, nos dogmas, e até O antropomorfiza.

O *deísta*, não nega, necessariamente, que alguém possa receber uma **revelação** direta de Deus, mas essa reve-

8. “O espiritismo é a última revelação divina recebida pelos homens, de acordo com a promessa de Jesus no Evangelho de João: eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (14:16).

9. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 2.<sup>a</sup> parte: Minha iniciação ao espiritismo.

lação será válida “só” para uma pessoa e deve valer apenas para ela, que a ‘repcionou’, não como uma verdade absoluta e universal imposta a todos. Se alguém lhe diz que Deus se ‘revelou’ para ele, será uma revelação secundária e ninguém é obrigado a segui-la. Explicando melhor: cada ser sintoniza, vibracionalmente, com o seu *Khristós* (potência divina na criatura), por mérito próprio e no seu tempo de maturidade.

Assim, qualquer revelação que, porventura aconteça, é fruto da evolução pessoal; não se transfere a terceiros, pois é ação ‘personalíssima’ e, para o conhecimento da verdade, ela ocorre no seu tempo de entendimento. Isto implica a possibilidade de estar aberto às diferentes religiões como manifestações diversas de uma mesma realidade divina, embora não crendo em nenhuma como “verdadeira” ou “totalmente verdadeira”. É certo, porém, que eles substituem o conceito de ‘revelação divina’, os atributos dogmáticos e convencionais das religiões, pelo uso da **razão**, das experiências científicas, bem como pelo conhecimento das leis naturais. Deus, para os deístas, não é, conforme já nos reportamos, exatamente, um ser antropomórfico, a quem são atribuídas as características humanas, tanto as físicas quanto as emocionais.

Antes de qualquer resposta sobre qual a tese seu pensamento adota – *teísmo* ou *deísmo* – atente-se que a ação humana, no processo evolutivo, tem como suporte o livre-arbítrio, que é a liberdade de escolha, mecanismo de progresso do ser humano, através de “acertos e erros”. Nesse contexto, para que possamos refletir sobre o objeto deste livro, precisamos responder, inicialmente, a uma

pergunta básica: O que você aceita como mais racional: o **livre-arbítrio** ou, um **Deus pessoal interventor**? Pense!

De minha parte, adoto o livre-arbítrio, como a jurisdição da Lei Natural na própria consciência. É nesse sentido, que os espíritos auxiliares de Kardec afirmam que as Leis Naturais (chamadas pelo espiritismo de *Leis de Deus* ou Leis Morais) encontram-se gravadas na consciência.<sup>10</sup> Por consequência, nas tradições ocidentais já está formatada, na mente, a ideia de que Deus está “separado de nós”, tendo seu governo instalado em algum lugar no paraíso (Tribunal Celeste). “Embora se afirme que Descartes foi quem inventou o dualismo, a ideia de um Deus ‘lá fora’, o antecede em milhares de anos, abrindo, desta forma, esta visão dividida de Deus/Humanidade. Tem-se, assim, gravada a ideia de que, ‘Ele lá’, e ‘nós cá’, quando, na realidade, Ele é o nosso próprio ser, ou talvez, interpretemos melhor, dizendo que o nosso ser é Deus”.<sup>11</sup> Concordo com a tese defendida por Rohden,<sup>12</sup> que “a concepção teológica dualista de que Deus seja alguma entidade justaposta ao Universo, algo fora do cosmo, algum indivíduo, alguma pessoa, é certamente a mais *primitiva* e *infantil* de todas as ideologias da Humanidade”.

Neste sentido, o movimento iluminista é fruto do Humanismo que permeava o movimento renascentista, o qual posicionava o Homem como centro de tudo, em contraposição ao Teocentrismo, que defendia ser Deus o centro do Universo. Kardec está no meio desses pensa-

---

10. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão 621.

11. ARNTZ, Willian, e outros. *Quem somos nós?* p. 199.

12. ROHDEN, Huberto. *Cosmoterapia*, p. 45.

dores racionalistas e o espiritismo nasce sob a égide da razão. É nesta ótica que contraria a fé da Igreja (aquela que apenas **crê**), trocando-a pela fé raciocinada (aquela que é conquistada pela experiência, ou seja, transformando-a em **fé que sabe**). A bandeira do Racionalismo era a **razão** e não simplesmente a fé religiosa, suporte da Igreja, que persiste até hoje.

Por consequência, não poderia ser outra a sua posição, pois, este movimento filosófico trouxe ideias avançadas que contrapunham às ideias da Igreja e seus dogmas, com base na **fé que crê**. Adotando o pensamento de Augusto Comte de que só o *positivo* é real, Kardec aceita a fé racional, contrapondo-se a essa fé defendida pela Igreja. No entanto, embora a questão nº 1, de *O Livro dos Espíritos* se assente no pensamento *deísta*, no decorrer da obra, conforme já me referi, em certas questões o codificador e os espíritos coadjuvantes misturam as duas visões (*deísta* e *teísta*).

## COMO PENSA UM DEÍSTA?

- Admite uma existência divina, mas com características distintas de religiões.
- Aceita que a “palavra” de Deus são as leis da natureza e do Universo, não os livros ditos “sagrados”, escritos por homens em condições duvidosas.
- Usa apenas a razão para pensar na possibilidade de existência de outras dimensões, não aceitando doutrinas elaboradas por homens.
- Crê que se pode encontrar Deus mais facilmente ‘fora’ do que ‘dentro’ de alguma religião.

- Desfruta da liberdade de procurar uma espiritualidade que lhe satisfaça.
- Prefere elaborar princípios e valores pessoais pelo raciocínio lógico, a aceitar as imposições escritas em livros ditos “sagrados” ou “autoridades” religiosas.
- Defende um livre-pensador individual, cujas convicções não se formaram por força de uma tradição ou a “autoridade” de outros.
- Acredita que religião e Estado devem ser separados.
- Prefere se considerar um ser racional, a considerar-se um religioso.
- O raciocínio lógico é o único método por meio do qual pode ter certeza sobre algo.
- Não aceita “revelações”, conforme ensinam as religiões constituídas; tudo deve ser calcado na razão.

Pelo exposto, podemos concluir que a principal diferença entre as duas teses está na concepção da divindade. Os teístas *creem* num deus paternalista que fica cuidando de suas criaturas em tempo integral, um intercessor, portanto. Uma visão *teísta* de Deus é a visão bíblica em que o homem parece ser o centro do universo. Já os *deístas* creem que essa inteligência suprema *não interfere* diretamente na Humanidade, pois a criação é um sistema perfeito que se autorregula e, nesse caso, somos apenas uma parte de todo um universo. O conceito da divindade é *relativo*, pois foge da compreensão humana.